

OUTUBRO, MÊS DE GRANDES CELEBRAÇÕES: DIA DA CRIANÇA, DA LEITURA, DO PROFESSOR, DO LIVRO E DA BIBLIOTECA ESCOLAR



**“Vamos pegar
nossos livros e
canetas. Eles são
nossas armas
mais poderosas.”**

**MALALA
YOUSUFZAI**

Outubro é o mês em que se concentram datas comemorativas significativas para quem acredita na importância dos livros e da leitura para uma educação de qualidade. Comemoramos no dia 12, o Dia da Criança e o Dia da Leitura, no dia 15, o Dia do Professor e no dia 29, o Dia Nacional do Livro, além de ser o mês em que se celebra o dia internacional da Biblioteca Escolar, datas que formam os elos de uma mesma corrente.

Para unir essas datas de forma enfática, escolhemos como símbolo a jovem paquistanesa Malala Yousufzai por defender o direito das mulheres à educação e por sua atuação corajosa e destemida na defesa dos temas que contemplam as comemorações do mês de outubro.

Há um ano, em outubro de 2012, ela foi baleada na cabeça à queima-roupa pelos militantes islamitas, quando saía da escola no Vale de Swat, no Paquistão, por protestar contra a proibição do Talibã a que mulheres frequentassem as aulas.

No dia 12 de julho, quando completou 16 anos, a jovem fez um discurso contundente na sede da ONU em Nova York, como parte de uma campanha para garantir a educação gratuita e obrigatória para todas as crianças. No encontro, a jovem paquistanesa afirmou ao secretário-geral da ONU, Ban Kimoon, e a outros quinhentos estudantes de todo o mundo que a educação é o único caminho para um mundo melhor: *Vamos pegar nossos livros e canetas. Eles são nossas armas mais poderosas. Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo.*

Educação é a única solução, disse ela durante a Assembleia da Juventude (O Globo, de 12/07/13). Durante o evento, ela agradeceu a todos os que rezaram por sua recuperação e disse que os integrantes do Tehreek-e-Taliban Pakistan (TTP) fracassaram em tentar impedir sua luta por direitos humanos. Em sua homenagem, as Nações Unidas declaram a data de 12 de julho como *Malala Day* – Dia de Malala.

No dia 03 de setembro, Malala inaugurou a nova Biblioteca Pública de Birmingham, na Inglaterra, a maior biblioteca pública da Europa, abrigando um acervo de pelo menos um milhão de livros. Malala vive atualmente com a família na cidade de Birmingham, onde também funciona o Hospital Rainha Elizabeth II, que tratou da jovem após o atentado. A adolescente presenteou a biblioteca com um exemplar da obra *O Alquimista*, do escritor brasileiro Paulo Coelho, antes de receber uma condecoração da instituição. Antes de revelar uma placa na inauguração da biblioteca, ela falou novamente sobre a importância dos livros e da leitura: *Me desafiei a ler milhares de livros e ganhar força com o conhecimento. Lápis e livros são as armas para derrotar o terrorismo. Não há uma arma mais poderosa que o conhecimento, nem maior fonte de conhecimento que a palavra escrita.*

A jovem paquistanesa teve seu nome indicado à candidatura de importantes prêmios internacionais e aos 16 anos já coleciona várias laureas conquistadas por sua luta, que relacionamos aqui.

Malala recebeu o Prêmio *International Children's Peace Prize* – *Internacional da Paz da Infância* – promovido pela Fundação KidsRights – das mãos da iemenita Tawakkol Karman, Prêmio Nobel da Paz 2011, durante a cerimônia de premiação em Haia, no dia 06 de setembro. A fundação descreveu Malala como “uma menina talentosa e corajosa que demonstrou uma dedicação especial aos direitos das crianças”. Iniciado em 2005, o prêmio é dotado de 100.000 euros, que são investidos nos projetos relacionados com a causa do laureado.

Agraciada também com o Prêmio Embaixador da Consciência 2013, Malala dividiu a láurea com o ativista e artista americano Harry Belafonte, outorgado pela Anistia Internacional – AI – em cerimônia realizada em Dublin, no dia 17 de setembro, momento em que foi homenageado o poeta e dramaturgo irlandês Seamus Heaney, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1995, falecido no dia 30 de agosto, aos 74 anos. “*Harry e Malala são verdadeiros Embaixadores da Consciência, falam claramente sobre os direitos universais, a justiça e a dignidade humana e encorajam outros a seguir seu exemplo*”, destacou o secretário-geral da AI, Salil Shetty.

Malala, junto com a líder internacional em desenvolvimento sustentável e saúde pública; a diplomata e médica norueguesa Gro Harlem Brundtland, ganhou o *XXV Premi Internacional Catalunya 2013* – Prêmio Internacional Catalunha, outorgado pelo governo da Catalunha, na Espanha, desde 1989, a pessoas vivas, pelo reconhecimento ao trabalho contribuído para o desenvolvimento da cultura, da ciência e da economia, além de compromisso ético e humanístico. O bispo católico Dom Pedro Casaldáliga, espanhol, radicado no Brasil, e o ex-presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva foram agraciados respectivamente em 2006 e 2012, representando o Brasil na lista dos agraciados com a láurea. Além do prêmio em dinheiro, o vencedor recebe uma obra de arte alusiva à sua escolha.

A adolescente paquistanesa e o ex-analista da Agência de Segurança Nacional norte-americana – NSA – exilado na Rússia, Edward Snowden, integram a lista de candidatos ao Prêmio Sakharov – Parlamento Europeu (PE). A lista contendo as sete candidaturas foi aprovada pelas comissões dos Negócios Estrangeiros e do Desenvolvimento do Parlamento Europeu – PE – e será reduzida a três finalistas. Malala é apoiada pelos líderes dos três maiores grupos políticos do PE. O vencedor será conhecido no dia 10 de outubro, em conferência de presidentes do PE, em Estrasburgo, na França, e a cerimônia de premiação será no dia 20 de novembro. A láurea para a liberdade de pensamento, no

valor de 50 mil euros, foi entregue no ano passado ao cineasta Jafar Panahi e à advogada e ativista Nasrin Sotoudeh, ambos iranianos.

Milhares de pessoas já aderiram ao pedido para que Malala Yousafzai seja indicada ao prêmio Nobel da Paz. Até o momento, a jovem conta com o apoio de mais de

“Lápis e livros são as armas para derrotar o terrorismo. Não há uma arma mais poderosa que o conhecimento, nem maior fonte de conhecimento que a palavra escrita.”

60 mil pessoas. Segundo Shahida Choudhary, que faz campanha no Reino Unido para pressionar o primeiro-ministro David Cameron para recomendar o nome de Malala para o comitê do Nobel. “*Se o prêmio Nobel da Paz for dado a Malala, será uma mensagem clara de que o mundo apoia os que defendem o direito de todos à educação*”, afirmou. A campanha conta com o apoio dos quatro principais partidos políticos do Canadá, país onde foi lançada a campanha por meio do site change.org.

Trazendo para o Brasil a bandeira de Malala pelo direito à educação para todas as crianças, recorreremos ao *Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA*, como uma forma de refletirmos sobre o quanto nos falta conquistar nesse campo. Embora estejamos avançando em relação aos Direitos Humanos no país, o caminho a percorrer na defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes é ainda longo e cheio de impedimentos de todo tipo. Apesar da conquista do *Estatuto* já ter mais de 20 anos, o tempo de uma geração, devemos nos inspirar na coragem dessa jovem paquistanesa e defender, com veemência, o direito a uma vida digna para nossas crianças e jovens com educação formal plena e assim considerar que o esforço da criação do ECA não foi em vão.

No livro dos artigos comentados do ECA, publicado em 1992, com o título *Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado – Comentários Jurídicos e Sociais*, coordenado por Munir Cury, Antônio Fernando do Amaral e Silva e Emílio García Mendez, publicado por Malheiros Editores, com apoio do UNICEF, o artigo 58, trata do respeito aos valores culturais, artísticos e históricos no processo educacional de crianças e adolescentes, com comentário jurídico escrito por Hélio Xavier de Vasconcelos, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Elizabeth Serra assina o comentário social.

Escritos há 21 anos, os textos apresentam um panorama, em relação às três questões levantadas: educação, cultura e criação. Considerando a atualidade do registro, transcrevemos abaixo, na íntegra, os dois textos com o objetivo de contribuir para o fortalecimento dos inúmeros trabalhos de professores, artistas, editores e da sociedade civil que veem defendendo o Direito das Crianças e Adolescentes a uma vida digna sem a qual nossa democracia não se sustentará.



ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE COMENTADO – COMENTÁRIOS JURÍDICOS E SOCIAIS

Art. 58: No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura.

Comentário Jurídico | Hélio Xavier de Vasconcelos –
Universidade Federal do Rio Grande do Norte:

A norma aqui contida é de enorme importância para o pleno desenvolvimento do processo educacional quando exprime o desejo de que sejam respeitados e, por conseguinte, estudados todos os valores (culturais, artísticos e históricos) inseridos na realidade social em que se encontrem a criança e o adolescente. A norma é complementada, na sua parte final, com a garantia de que os resultados desenvolverão suas atividades com “liberdade de criação” e o “acesso às fontes de cultura”.

Comentário Social | Elizabeth D' Angelo Serra
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil:

A arma mais poderosa de que uma sociedade dispõe para desenvolver-se em direção à liberdade de todos os seus membros está na educação de qualidade para crianças e adolescentes. Este pequeno capítulo contém potencialidade revolucionária, já que é o único capítulo do Estatuto da Criança e do Adolescente que abarca educação, cultura e criação, juntos. Para compreensão da magnitude dessa afirmativa, o processo educacional deve ser compreendido, como toda relação da criança e do adolescente com a vida, por meio dos adultos com quem convive, direta e indiretamente, e não só com os profissionais da Educação.

Assim todos somos responsáveis pela formação das crianças e adolescentes brasileiros.

A escola, como local onde se dá parte do processo educacional, tem função de organizar o conhecimento assistemático recebido no dia a dia de cada um, valorizá-lo, ampliá-lo, e desenvolver as habilidades potenciais individuais dos seus alunos, além

de proporcionar o aprendizado da convivência coletiva. Porém, a escola brasileira não atende à maioria das nossas crianças e adolescentes da maneira explicitada acima.

A educação está presente desde os primeiros dias de vida da criança. Ela é submetida a horários para alimentar-se ou dormir, organizando suas primeiras necessidades físicas. Bem pequenina, a criança já reage e chora para fazer-se ouvir e dizer que não é um ser passivo e sem sentimentos. A fome, o frio, o desconforto, a falta de calor humano do adulto, ela expressa em alto e bom som. Depois, o aprender a pedir, a comer, a andar, a expressar alegria e tristeza, vai ampliando e tornando a educação de cada uma dessas pessoinhas mais complexa. A todo momento recebe informações afetivas e cognitivas que constroem sua base educacional e cultural.

O contato com a letra, sons, movimentos e imagens começa a fazer parte de seu universo e, sem a criança sentir, são assimilados. Assim, começa o processo de inserção da criança nos códigos humanos, diversificando, cada vez mais, suas formas de comunicação, suas linguagens. Já adolescente, essas experiências são elaboradas e o jovem, com senso crítico bastante apurado e com disposição plena de viver, características de sua idade, questiona o mundo e, nele, os adultos à sua volta.

Infelizmente, para a maioria das crianças e jovens brasileiros esses processos são dolorosos e lacunosos. Apesar disso, em cada um desenvolve-se um ser vivo, sensível e pensante, que se transformará em um adulto. São comuns a qualquer criança e jovem potencialidades vitais para o desabrochar da idade adulta em toda sua plenitude: sentir, pensar, fazer e poder elaborar sentimentos, pensamentos e ações que interferem no curso de suas



Crianças lendo no 15º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens.

vidas. Essas potencialidades precisam, porém, para desenvolver-se plenamente, ser provocadas e estimuladas através de oportunidades de contato com as diversas linguagens: escrita, oral, corporal, plástica, dramática, musical, pictórica, visual, matemática, etc.

É aí que a discriminação aprofunda-se. Só a uma minoria essas oportunidades são oferecidas de maneira completa e variada. O contato com outras culturas, com o conhecimento organizado produzido pela Humanidade, seja ele científico, artístico ou informativo, prático ou teórico, articulado com a realidade de cada um, não é garantido a todos os membros de nossa sociedade.

O processo educacional que se dá na escola, para ser de qualidade, deve ser compreendido como complementar ao que cada um traz de história individual e coletiva. Além de respeitar e valorizar os valores culturais próprios do contexto da criança e do adolescente, é importante dar-lhes condições de acesso à cultura de outros grupos sociais possuidores de outras histórias, diferentes, mas igualmente importantes. A Humanidade não se desenvolve no gueto. É a possibilidade de conhecer e trocar experiências e ideias que enriquece a todos e faz acontecer os avanços sociais.

O espaço organizado onde esse acesso pode ser democratizado é, por excelência, a biblioteca pública, escolar ou comunitária. A biblioteca da modernidade é a casa do conhecimento à qual todos devem ter garantido o direito de ir e vir e poder encontrar o que buscam. As portas de uma biblioteca viva, cheia de provações e alegria, devem ser abertas a todas as crianças e adolescentes. Ter acesso às fontes de cultura significa ter acesso, também, às formas como outros grupos de pessoas enfrentam e resolvem seus problemas.

A cultura, entendida como o conjunto de experiências e ideias de grupos e pessoas sobre as suas vidas e suas expressões, supõe

“É a possibilidade de conhecer e trocar experiências e ideias que enriquece a todos e faz acontecer os avanços sociais.”

que todos produzimos cultura. Assim, o acesso a outras culturas, quando não é imposto, é fecundo campo para novas ideias provocadoras de mudanças. A variedade alimenta o olhar, o pensar e o sentir. É o que possibilita o fazer criador.

Em nossa sociedade o ato de criar tem sido compreendido, erroneamente, como capacidade única e exclusiva do artista.

“A arma mais poderosa de que uma sociedade dispõe para desenvolver-se em direção à liberdade de todos os seus membros está na educação de qualidade para crianças e adolescentes”

Essa é uma das mais graves distorções feitas pela ideologia do poder que nos domina, já que implica questionar, ser livre, tornando-se uma ameaça para aqueles que não querem mudanças.

Criar é potencialidade de qualquer ser humano. É a criação que possibilita ao Homem e à Humanidade resolverem seus problemas. É o criar que viabiliza a liberdade, a autonomia. Porém, criar não surge do vazio. É necessário, para criar, conhecer sempre coisas novas, ler, escutar, conversar e trabalhar com persistência. É assim que cientistas e artistas criam. A curiosidade que toda criança traz consigo – e que nós, adultos, quase sempre calamos, autoritariamente – é o sinal mais importante da potencialidade humana de criar.

A fantasia que percorre a imaginação de todos nós, e da criança em particular, deve ser preservada e incentivada. Sem alimentar nossa imaginação com palavras, sons e imagens, nossa fantasia tende a ficar pobre ou deformada. E sem fantasia não há criação, não há liberdade. O real e o imaginário não são dissociados. Ao contrário, o real não sobrevive sem o imaginário, e o imaginário vive do real.

Portanto, viabilizar as oportunidades para desenvolver a imaginação e a fantasia de nossas crianças e jovens é garantir-lhes o acesso ao conhecimento científico, às expressões de arte e à informação, dando-lhes, assim, liberdade para criar.

Disso sabem todos que construíram esse Estatuto, onde a palavra escrita, que aqui explicita um conjunto científico, artístico e informativo de ações, ideias e emoções articuladas, é a sua principal caracterização.

É importante que todas as crianças e adolescentes deste País possam ter educação de qualidade, cuja base é a leitura, para poderem ler, interpretar e fazer uso do Estatuto criado para defendê-las da opressão, da miséria, da discriminação e das injustiças. Garantindo às nossas crianças e adolescentes liberdade para criar, certamente uma nova relação entre elas e nós, adultos, surgirá. É o único caminho possível para tornar realidade nosso sonho de um mundo melhor.

movimento por um Brasil literário

m **B**ⁱ *Brasil* *lit*

Acesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais



**FAÇA VALER
O SEU DIREITO**

CAMPAÑA PELA EFETIVIDADE DA

LEI 12.244/10

Global Editora lança o terceiro livro da coleção *Seminários FNLIJ*

É com satisfação que a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil retoma, em parceria com a Global Editora, a coleção *Seminários FNLIJ*, voltada para as palestras dos Seminários FNLIJ realizados durante o Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens.

A *literatura e os jovens* é o terceiro livro da coleção e traz as palestras do 14º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós e dos Encontros Paralelos. Os livros *Ler é preciso*; e *Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens*, são as primeiras edições, organizados por Elizabeth Serra.

Em 2012, a décima quarta edição do Seminário FNLIJ recebeu o nome de Bartolomeu Campos de Queirós em homenagem ao escritor que sempre esteve presente ao evento. Nessa edição, o tema *A literatura e os jovens*, também título do livro, tratou o jovem como principal protagonista dos debates. A escritora e co-fundadora da FNLIJ, Laura Sandroni palestrou sobre *O Curso Jovens Leitores, ministrado pela FNLIJ para a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro* – SME-RJ e Adriana Guedes sobre *A literatura e o amor para jovens leitores*. O votante FNLIJ e professor de Literatura Brasileira da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP – João Luis Ceccantini falou sobre *A literatura juvenil entre Jogos Vorazes e Audazes*.

O fazedor de velhos, de Rodrigo Lacerda, livro premiado pela FNLIJ, foi tema da

mesa-redonda com o autor e a crítica Regina Zilberman. A mesa-redonda *Os jovens lendo literatura*, com Taize Odelli, Gisele Lopes, Binho Cultura, Vagner Amaro, Fernanda Freitas, Letícia Lorentz, tratou das experiências vividas por eles sobre o tema.

Como país homenageado da 14ª edição, a literatura infantil e juvenil do México foi um dos temas do Seminário com a presença de convidados mexicanos. A diretora-geral do A Leer/ IBBY México, Azucena Galindo Ortega falou sobre os assuntos: *Um olhar para a Oferta Editorial e os Espaços para os Jovens* e a *Leitura, Conversação e Espaço de Encontro para Jovens em Escolas Secundárias*; e o sociólogo Rubén Pérez Buendia sobre *A Seleção de Livros para as Bibliotecas no México: da Formação de Bibliotecários e Professores à Democratização do Processo*.

Nesse ano, o Encontro Nacional dos Autores Indígenas comemorou a nona edição no evento. Daniel Munduruku falou sobre o tema principal: *Não somos donos da teia da vida: literatura e meio ambiente rumo à Rio+20*, e outros quatro textos de palestrantes indígenas estão em *A literatura e os jovens*.

A segunda parte do livro apresenta textos dos Encontros Paralelos ocorridos durante o 14º Salão FNLIJ do Livro: *Tendência dos gêneros mais lidos, os livros mais premiados e Long Sellers*, de Isis Valéria Gomes; *Confrarias de leitura de literatura infantil e juvenil*, de Caio Riter; *Confrarias e a promoção de*

leituras para jovens e adultos leitores, de Tânia Piacentini; *Clássicos da literatura em quadrinhos: adaptação e reconto*, de Rosa Cuba Riche; *Clássicos da literatura em quadrinhos*, de André Brown; *Linhas de histórias – o reconhecimento do livro ilustrado*, de Odilon Moraes, Rosinha Campos e Rui de Oliveira.

O lançamento do terceiro livro da coleção *Seminários FNLIJ* contou com a presença de escritores que tiveram seus trabalhos publicados, amigos e familiares. Agora, depois de 11 anos da publicação das duas primeiras edições, a FNLIJ e a Global Editora já estão preparando os próximos livros com as palestras dos 13º e 15º Seminário FNLIJ.



Adriana Guedes, Elizabeth Serra, Isis Valéria, Anielizabeth, Anna Claudia Ramos e Sandra Pina, em noite de autógrafos.





Um coração e dois coelhos

RESENHA POR LAURA SANDRONI

Na matéria que fiz sobre reedições importantes feitas em 2012, publicada no Notícias 6, de junho de 2013, citei o livro *Cuore*, de Edmondo de Amicis, tradução de Maria Valéria Rezende, da editora Autêntica, de que gostei tanto ao lê-lo aos nove anos de idade, que conservei-o até hoje em minha biblioteca.

Esqueci-me de que em 2011, *Coração: um livro para jovens*, foi reeditado, depois de muitos anos fora de catálogo, pela Cosac Naify, em tradução de Nilson Moulin e ilustrações de Serrote, trazendo na quarta capa a opinião de Manuel Bandeira: “O *Coração* era o livro de leitura adotado na minha classe. Para mim, porém não era um livro de estudo. Era a porta de um mundo, não de evasão, como o da ‘*Viagem à roda do mundo numa casquinha de nozes*’, mas de um sentimento misturado, com a intuição terrificante das tristezas e maldades da vida”.

Nas livrarias especializadas em literatura infantil e juvenil, encontram-se, além de *Coração*, dois coelhos: um no livro *Aventuras de Alice no Subterrâneo*, de Lewis Carroll, traduzido por Adriana Peliano, da editora Scipione; e outro no livro *Ismael e Chopin*, de Miguel Sousa Tavares com ilustrações de Fernanda Fragateiro, da Companhia das Letrinhas, ambos também lançados em 2011. Os três livros ganharam o selo *Altamente Recomendável FNLIJ 2012*.

O primeiro “nasceu” em 1862 e vive a correr em *Alice no País das Maravilhas*, publicado no Brasil em diversas traduções a partir da primeira adaptação feita por Monteiro Lobato em 1931. Agora ele volta na sua versão original, *Aventuras de Alice no Subterrâneo*, manuscrita, e com desenhos do reverendo anglicano Charles

Lutwidge Dodgson, mais tarde conhecido pelo pseudônimo de Lewis Carroll, admirado em todo o mundo. O manuscrito foi traduzido de forma a imitar a letra do reverendo Dodgson.

Nas duas versões o coelho não é o personagem principal da história, mas talvez seja o mais importante: a menina Alice Liddell, sentindo-se “preguiçosa e estúpida” ao lado da irmã, leitora de um livro “sem figuras nem diálogos”, ao vê-lo, resolveu segui-lo. Era um coelho branco de olhos rosados e Alice espantou-se quando o ouviu dizer: “Ai meu Deus! Ai meu Deus! Como estou atrasado” e, ao tirar um relógio do bolso do colete, olhou as horas e saiu de novo em disparada. Ela nunca tinha visto um coelho falante, de colete e relógio; curiosa, correu atrás dele e pulou dentro do buraco onde o vira entrar. No decorrer da aventura o coelho reaparece inúmeras vezes sempre apressado e atrasado para um compromisso que ninguém sabe qual é.

Esta fabulosa história começa quando Dodgson, professor em Oxford, à época com 30 anos, fez uma série de passeios de barco pelo rio Tamisa em companhia de um colega e de três garotas irmãs, filhas do Reitor. Para distraí-las no passeio, no dia 04 de julho de 1862, começou a contar a história que encantou principalmente Alice, a irmã do meio, pelo fato da heroína ter o seu nome. Nos dias que se seguiram Alice insistiu para que ele escrevesse a narrativa, o que ele fez e deu-lhe como presente de Natal em 1863, manuscrita, também ilustrada por ele e encadernada.

A versão definitiva foi publicada em 1865, então assinada com o pseudônimo e deu fama ao escritor. Comparando os textos



vemos que na sua versão “definitiva” Carroll ampliou a fantástica aventura de Alice. Algumas cenas mais conhecidas, a exemplo do chá da lebre de março e do chapeleiro louco ou do diálogo com o gato Cheshire não contam da original. Carroll também incluiu alguns poemas, mas a maior parte do texto foi mantida. Sua versão inicial, agora publicada, a “verdadeira” história, transcrição exata da narrativa oral, sugere um frescor espontâneo, talvez mais adequado ao público infantil.

A primeira edição comercial tem ilustrações do já então famoso John Tenniel, que também ilustrou *Alice através do Espelho* de 1872. Em suas múltiplas traduções o livro foi ilustrado por centenas de artistas de todo o mundo, mas a Alice retratada a traço por Tenniel, é considerada a melhor, pela fidelidade ao texto e à época em que foi escrito.

Aventuras de Alice no Subterrâneo não é apenas uma “curiosidade”, mas por ter sido escrito para atender ao desejo da Alice real, é mais simples e direto sem os jogos de palavras da versão definitiva cuja fantasia delirante às vezes complica o enredo pelo excesso de peripécias. E trata-se de ótima oportunidade para que as crianças de hoje possam lê-lo ou ouvi-lo como a própria Alice o ouviu. O livro vem acompanhado dos textos da tradutora e também de Myriam Ávila, professora da UFMG e especialista na obra de Carroll. Em seu livro *Gênios, os cem autores mais criativos da história da literatura*, Harold Bloom inclui apenas dois títulos destinados às crianças: *Alice no País das Maravilhas* e os *Contos de Andersen*.

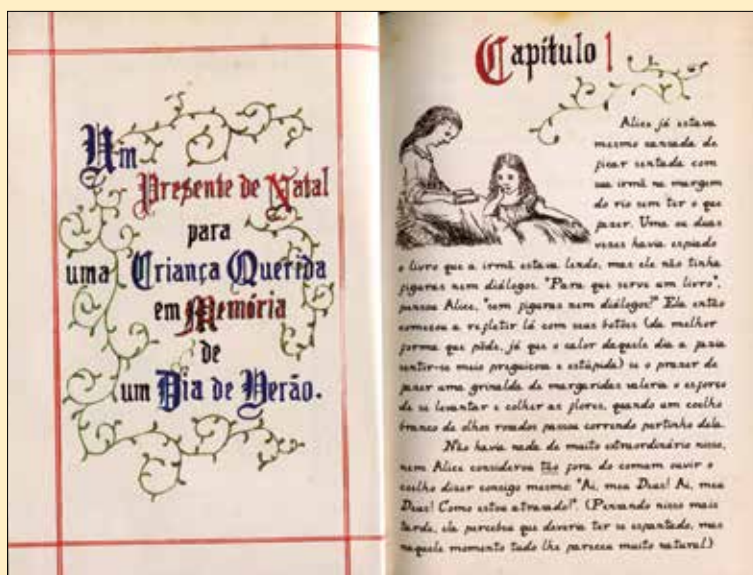
O segundo coelho chama-se Ismael e é o oposto do primeiro: calmo, estudioso, sabe ler e escrever – o que o torna tão diferente quanto o de Alice – e é muitíssimo mais novo: foi criado em 2011 por Miguel Sousa Tavares, cujo livro de estreia no Brasil foi *Equador*, tornou-se um best-seller.

O autor, assim como Carroll, contava histórias para o filho, que mais tarde veio a ser pianista. Certo dia enquanto o ouvia tocar no terraço da casa de campo, viu um coelho que corria rápido e, ao ouvir a música, parou estático a escutá-la. Assim nasceu a história, contada pelo próprio Ismael. Numa família de cinquenta e dois irmãos foi o número 29 e o pai o escolheu para ensinar tudo o que sabia: as línguas dos peixes do lago, dos pássaros e mesmo das árvores cujo som ninguém mais ouvia e a entender e ler a língua dos homens.

Um dia Ismael ouviu um som saindo de dentro de uma casa. Chamou o pai, o som era algo diferente de tudo o que conhecia. E o pai explicou: filho, isso é a melhor coisa que os homens são capazes de fazer, a música. A partir de então todos os dias Ismael vinha ouvi-la e soube que o pianista era o senhor Chopin, então muito doente. Tantas vezes voltou para ouvi-lo que um dia foi visito por Chopin e depois de algum tempo o artista percebeu que o coelho compreendia tudo o que ele lhe dizia, apenas não podia falar, mas balançava a cabeça respondendo às suas perguntas: sabia ler, mas não falava nem escrevia.

A amizade entre os dois permaneceu na memória de Ismael porque devido ao agravamento da doença, Chopin foi obrigado por sua amante, a escritora George Sand, a voltar a Paris. Antes de viajar o compositor colocou entre as patas de Ismael a partitura do Noturno que acabara de compor e pediu para guardá-la, talvez anos depois fosse encontrada por alguém. Ismael escondeu o presente em sua toca e mais tarde ensinou a um dos seus inúmeros filhos tudo o que aprendera.

Texto original, belamente escrito e valorizado pelas delicadas ilustrações de Fernanda Fragateiro. Estreia do escritor no gênero, que não pode passar despercebida.



FNLIJ recebe visita de professores petropolitanos

Pelo terceiro ano consecutivo, a coordenadora do projeto *Encontros com a Boa Liga*, Francisca Valle, organiza a vinda de professores do município de Petrópolis, cidade serrana do Rio de Janeiro, à capital do Estado. As visitas à Fundação da Casa Lygia Bojunga e à FNLIJ fazem parte da programação oferecida aos educadores que buscam no projeto conhecimento sobre literatura infantil e juvenil para ser levada às suas unidades de ensino.

O projeto *Encontros com a Boa Liga* é oferecido pela Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga – FCCLB - no sítio Boa Liga, propriedade da escritora, em Pedro do Rio, distrito de Petrópolis. Em 2011 o projeto ampliou suas atividades, e por solicitação da Divisão de Leitura da Secretaria Municipal de Educação de Petrópolis passou a dar formação a grupos de 20 professores da rede pública que atuam nas bibliotecas ou salas de leitura das escolas. “Fora as visitas de grupos de professores, escolas, especialistas e escritores que nos procuram para conhecer a Boa Liga, lerem e desfrutarem desse encontro mágico natureza-livro, passamos a realizar dez encontros quinzenais, com quatro horas de trabalho, sistematizados para a formação de mediadores de leitura”, explica Francisca Valle. “No primeiro semestre tivemos a



O atual grupo é constituído por diferentes profissionais: Heloisa Braun, Marcia Fernandes, Francisca Valle, Leonardo Medeiros, Irani Babo, Lucilene Lopes Damico, Marta Catão Rodrigues, Gelza Gatera, Isabel Cristina Geronimo, Ana Maria Kappaunn, Annelise Kersten, Ana Paula Gomes, Sonia Affonso, Edna Francioni Lustosa, Patrícia Portugal, Talita Papoula, Ednéa Valle de Mello e Renata Kling Planz.

quarta turma que, devido ao interesse, nos pediu para continuar no segundo semestre”.

A cada *Encontro* são abordados temas apoiados em textos literários e teóricos, norteados pelo projeto *Paio de Histórias*, oferecido também pela FCCLG na Boa Liga, com crianças e jovens de Pedro do Rio.

Fim do *Globinho* impresso

O Globo suspendeu a publicação impressa do *Globinho*, encarte semanal do jornal, substituindo-o por uma versão digital. A FNLIJ lamenta a decisão do jornal, em particular, a perda da coluna *Sopa de Letras* de Simone Intrator que, quinzenalmente, dava dicas de livros de literatura infantil e juvenil.

Diferente da política adotada para o público adulto, que pode continuar desfrutando da leitura do jornal nos dois suportes: impresso e virtual, ao deixar de publicar o *Globinho* em papel, *O Globo* se exige de contribuir para a formação de leitores por meio do texto impresso, dominante na cena brasileira e predominante na Escola Básica. Com essa decisão, *O Globo* ignora o interesse do público infantil e juvenil pela leitura de textos impressos que se expressa nas presenças maciças em eventos de feiras de livros, como a Bienal Internacional do Livro do Rio, o Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, entre outros eventos com livros, onde se confirma a atualidade dos livros impressos em papel para a geração que está desfrutando também da internet.

Tratando do tema de jornais para crianças e matérias sobre leitura e livros para elas, registramos e lamentamos a perda gradativa desse espaço no *O Globo*, como nos grandes jornais do país. O suplemento *Prosa e Verso* é outro exemplo de como o jornal se afastou definitivamente de tratar do tema da leitura e da literatura voltada para crianças e jovens.

Editora do Brasil celebra 70 anos

Veterana no mercado editorial, a Editora do Brasil comemorou 70 anos no dia 05 de agosto de 2013, com nova identidade visual. Seu catálogo de livros de literatura possui cerca de 250 títulos direcionados ao público infantil e juvenil.

Na 39ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012, a coleção: *ABC do trava-língua; Adivinha só; As cantigas de Lia; Seu rei boca de forno; A velhinha e o porco*, textos e ilustrações de Rosinha, foi selecionada para o catálogo *FNLIJ's Selection 2013* e também foi agraciada com selo Altamente Recomendável FNLIJ 2013.

No início da década de 40, um de seus fundadores, o médico e autor de livros de Química e Biologia, Dr. Carlos Costa, acreditava que era possível construir uma sociedade melhor, produzindo livros de qualidade, com preços justos, atendendo todas as classes.

Administrada por Maria Aparecida Cavalcante Costa e pelos filhos, Áurea Regina e Carlos Fernando, a FNLIJ parabeniza a Editora do Brasil, como parceira da instituição e referência de produção editorial. Leia mais sobre a editora no site: www.editoradobrasil.com.br



Joel Rufino dos Santos e Roger Mello

Candidatos FNLIJ ao Prêmio HCA-IBBY 2014

A FNLIJ, como seção brasileira do IBBY, indicou o escritor Joel Rufino dos Santos e o ilustrador Roger Mello ao Prêmio Hans Christian Andersen – IBBY 2014, respectivamente para as categorias Escritor e Ilustrador. Os dois concorrem pela terceira vez à láurea outorgada a cada dois anos pelo IBBY. Há dez anos, quando indicado pela primeira vez ao prêmio, Joel ficou entre os cinco finalistas, sendo indicado novamente pela FNLIJ na edição seguinte (2006). Roger ficou entre os cinco finalistas nas duas edições passadas (2010 e 2012).

Para a candidatura, a FNLIJ preparou os dossiês dos candidatos, que juntamente com seus livros, foram enviados aos 14 membros do IBBY.

Joel Rufino dos Santos

Historiador, Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, Joel Rufino dos Santos nasceu no Rio de Janeiro, em 1941. Desde criança gostava de ouvir e contar histórias. Aprendeu isso com sua avó evangélica e com as passagens da Bíblia que ela lia para o então menino.

Começou a escrever para crianças em 1970, a convite da revista *Recreio*, quando vieram à tona as histórias que a avó lhe contava. Em 1981 ganhou o Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes – O Melhor Livro para Criança – pela obra *O curumim que virou gigante*, da editora Ática.

Foi preso político na ditadura e escreveu de dentro do presídio cartas a seu filho Nelson a fim de explicá-lo de que não tinha feito

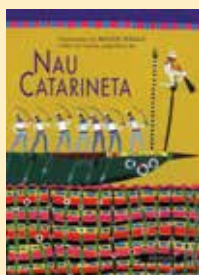
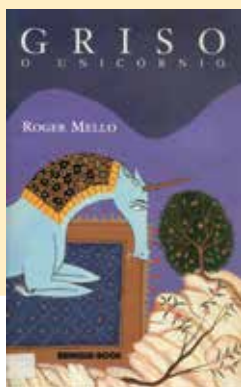
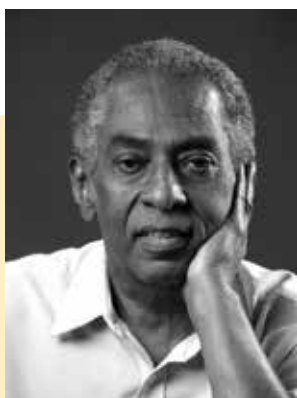
nada de errado. As cartas foram publicadas no livro *Quando voltei tive uma surpresa: cartas para Nelson*, da editora Rocco, vencedor do Prêmio FNLIJ Orígenes Lessa - O Melhor Livro para Jovens 2001. Leia mais sobre o autor no site www.joelrufinodosantos.com.br

Roger Mello

O escritor e ilustrador Roger Mello, nasceu em Brasília no ano de 1965. É formado pela Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. No início de sua carreira, trabalhou ao lado de Ziraldo, na Zappin.

Como ilustrador, conquistou o Prêmio Jabuti de Ilustração e de Melhor Livro Juvenil com *Meninos do mangue*; Prêmio Especial Adolfo Aizen; Prêmio pelo Conjunto da Obra da UBE; Prêmio Monteiro Lobato; Prêmio Adolfo Bloch e da *Fondation Espace Enfants* (Suíça) o Grande Prêmio Internacional. Conquistou duas vezes o selo *White Ravens* da Biblioteca Internacional de Munique, local onde realizou uma exposição sobre o seu trabalho, em 2012.

Com vários trabalhos premiados pela FNLIJ, tornou-se Hors-Concours como Melhor Ilustração, com os livros: *Griso, o unicórnio*, ed. Brinque-Book (1998); *Cavalhadas de Pirenópolis*, ed. Agir (1999); *Meninos do mangue*, ed. Companhia das Letrinhas (2002); *Nau Catarineta*, ed. Manati (2005); *João por um fio*, ed. Companhia das Letrinhas (2006); *Carvoeirinhos*, ed. Companhia das Letrinhas (2010); *Selvagem*, ed. Global (2011).



Prêmio Revista Crescer para André Neves

Na edição 235, a Revista Crescer traz uma reportagem mostrando a trajetória profissional de André Neves, contemplado com o prêmio outorgado pela revista há dois anos, intitulado *Prêmio Revista Crescer – Monteiro Lobato de Literatura Infantil 2013*. André escreveu e ilustrou três dos trinta livros de literatura infantil e juvenil (*Tom*; *Malvina*; *Entre nuvens*) da Lista Crescer, promovida pela publicação da Editora Globo, este ano.

Tom, da editora Projeto, foi também o vencedor do 39º Prêmio FNLIJ de Melhor Ilustração 2013. Os livros *Malvina*, da editora DCL, e *Entre nuvens*, da editora Brinque-Book, integram a Lista Altamente Recomendável FNLIJ 2013, além de *Tom* e *Entre nuvens* terem sido selecionados para o catálogo *FNLIJ's Selection 2013*, produzido pela Fundação para a Feira de Bolonha.

A matéria sobre André Neves apresenta depoimentos dos escritores e ilustradores, como: Nelson Cruz, Renato Moriconi, Ilan Brenman, Lelis e Tino Freitas. Encontra-se disponível no site da revista um vídeo com depoimentos de outros profissionais falando também sobre o trabalho de Neves.

Além da matéria sobre André, a edição de junho de 2013 traz um artigo com o escritor e ilustrador Fernando Vilela, apresentando cinco passos do processo para a criação de um livro dirigido à garotada. Em sua mesa de trabalho, ele mostra o esboço do livro *Aventura animal* lançado no 15º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, pela editora DCL.

A Lista Crescer está na sua oitava edição, selecionando anualmente 30 livros de literatura infantil e juvenil. A escolha dos 29 de 30 listados foi feita por um grupo de 40 pessoas. O público, por meio do site da revista, escolheu o trigésimo livro da relação. Entre os jurados, estão as votantes FNLIJ: Alice Áurea Penteadado Martha, Isabel Maria de Carvalho Vieira, Isis Valéria Gomes, Laura Sandroni, Maria das Graças Monteiro Castro, Neide Medeiros Santos e Rosa Maria Ferreira Lima.

A publicação da relação dos escolhidos está nessa edição 235 da Revista Crescer, separada por faixa etária, com ilustrações de Juliana Bollini. No site www.crescer.com.br o público pode ouvir trechos dos livros e saber mais sobre os autores.



A Revista *Crescer*, edição 235, destaca o trabalho de André Neves e Fernando Vilela, ilustradores de livros de literatura infantil e juvenil.

Justificativas dos votantes para o Prêmio FNLIJ 2013

Já se encontram disponíveis no novo site da FNLIJ as justificativas do *Prêmio FNLIJ 2013-Produção 2012*, em formato digital, para download.

A partir de 2010, a FNLIJ passou a publicar uma brochura com as justificativas dos leitores-votantes para os Prêmios FNLIJ que é oferecida aos convidados durante a cerimônia de entrega dos certificados aos vencedores. A partir de 2011, elas passaram também a serem disponibilizadas em PDF no site www.fnlij.org.br



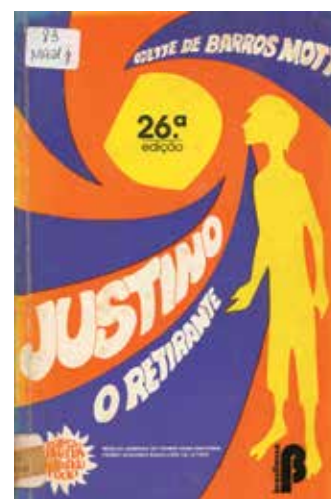
Centenário de Odette de Barros Mott

A escritora Odette de Barros Mott, em maio deste ano, completaria 100 anos. A autora faleceu em 1998, deixando mais de 90 obras destinadas ao público jovem. Foi uma das fundadoras do Centro de Literatura Infantil e Juvenil – CELIJV – junto com Lucília Junqueira Almeida Prado e Lúcia Pimentel de Sampaio Góes. Seus manuscritos foram doados ao Instituto de Estudos Brasileiros – IEB – pertencente à Universidade de São Paulo – USP, que passaram a fazer parte do acervo da Instituição.

Lembrando o centenário de Odette de Barros Mott, o IEB organizou, integrando o projeto de revitalização e catalogação de seu arquivo, uma exposição on-line homenageando-a, na qual estão disponíveis cartas trocadas pela autora com jovens estudantes das escolas que visitava, além da correspondência com professores, editores e outros escritores. No total, o IEB conta com aproximadamente 10 mil documentos de Odette de Barros Mott, alguns doados recentemente por sua família. A pesquisadora e pós-doutoranda, Raquel Afonso da Silva foi a responsável por organizar a obra no IEB e pela mesa-redonda, realizada no dia 24 de maio, data natalícia da escritora, com a presença da professora Dra. Nelly Novaes Coelho. A exposição e a mesa-redonda fizeram parte do projeto, intitulado *Cartas a uma escritora: organização arquivística e estudo da “Série correspondência de Odette de Barros Mott”*.

Odette de Barros Mott deixou grande legado para a cultura brasileira através de sua produção, tendo sido pioneira no tratamento de temas para jovens, aos quais dedicou a maior parte de suas obras. Títulos como *Justino, o Retirante* (1970) e *Rosa dos ventos* (1972), são exemplos de livros da autora, nos quais se propõe a conscientizar o leitor jovem por meio de sua literatura. A Biblioteca da FNLIJ possui a obra de Odette de Barros Mott para pesquisa e consulta dos mantenedores e associados.

Veja a exposição da autora através do link: <http://goo.gl/v9o55>



40ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2014 - Produção 2013

Foi lançada em junho a quadragésima edição da Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2014 – Produção 2013, para livros de literatura e informativos, para crianças e jovens, além dos teóricos sobre leitura e literatura infantil e juvenil, que tenham sido publicados no país, em português. Os livros finalistas recebem o selo Altamente Recomendável FNLIJ.

O Prêmio FNLIJ é concedido aos melhores livros em 18 categorias. A cada edição são lidos e avaliados mais de mil títulos, enviados pelas editoras à FNLIJ e aos votantes. O trabalho voluntário dos leitores é realizado por 25 pessoas, entre professores, bibliotecários e especialistas em Literatura Infantil e Juvenil de diferentes estados do país. Durante o processo de leitura, a FNLIJ também seleciona os livros de autores brasileiros para o catálogo *FNLIJ's Selection*, publicação feita especialmente para a Feira de Bolonha, na Itália.

Como seção brasileira do IBBY, com base nos prêmios que concede, a Fundação indica escritores e ilustradores brasileiros para

a Lista de Honra e Prêmio *Hans Christian Andersen*, ambos do IBBY, para o Prêmio sueco *Astrid Lindgren Memorial Award-ALMA* e o Prêmio *Latino-Americano de Literatura Infantil SM*.

As informações sobre todos os livros recebidos pela FNLIJ estão disponibilizadas no site da FNLIJ, além da publicação dos títulos no encarte *Biblioteca*, no *Notícias*, informativo mensal da instituição.

Para participar da 40ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2014 – Produção 2013, a editora deve enviar à FNLIJ 05 (cinco) exemplares de cada livro, publicado em 2013, até o dia 31 de dezembro. Além disso, a FNLIJ conta com a colaboração dos editores no sentido de enviarem um exemplar, de cada título, aos leitores-votantes. Com o objetivo de não haver acúmulo de obras a serem lidas, solicita-se que os editores, dentro do possível, enviem os livros à medida que forem sendo lançados. O Regulamento do Prêmio encontra-se no site da FNLIJ: www.fnlij.org.br

**DE 27 SET
ATÉ 13 OUT
PAVILHÃO VERA CRUZ**

LER, ESSA É A GRANDE AVENTURA. PARTICIPE.



SÃO BERNARDO DO CAMPO

Apoio:



Realização:



SÃO BERNARDO DO CAMPO
Uma cidade cada vez melhor de se viver

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – iBbY

Mantenedores A Girafa Editora Ltda; Abacatte Editorial Ltda; Artes e Ofício Editora Ltda; Autêntica Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Edit. e Dist. Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Cosac Naify Edições Ltda; DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; Edelbra Ind. Gráfica e Editora Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Dedo de Prosa Ltda; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Fundação Peirópolis Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Larousse do Brasil; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira S/A; Editora Objetiva Ltda; Editora Original Ltda; Editora Paz e Terra; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Prumo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Shwarcz Ltda; Elementar Publicações e Editora Ltda; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fundação Cultural Casa de Lygia Bojunga Ltda; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Gráfica Editora Stampa Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Editora Ltda; Inst. Bras de Edições Pedagógicas -IBEP (RIO); Instituto Cultural Aletria Ltda; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Mundo Mirim; Noovha América Editora Distrib. de Livro Ltda; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Paulinas - Pia Soc. Filhas de São Paulo; Paulus - Pia Soc. de São Paulo; Pinakothke Artes Ltda; Publibook Livros Papeis S/A - L&PM; Publicação Mercurio Novo Tempo; PwC; R/HJ Livros Ltda; Rovel Edições e comércio de Livros; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva S/A Livrários Editores Ltda; Sindicato Nacional dos Editores de Livros - SNEL; Texto Editores Ltda; Uni Duni Editora de Livros Ltda; Universo dos Livros Editora Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Textos: Claudia Duarte e Elizabeth Serra; Jornalista: Claudia Duarte; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Fitolito e Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2011-2014 Conselho Curador:** Alfredo Gonçalves, Laura Sandroni, Sílvia Negreiros e Wander Soares; **Conselho Diretor:** Ana Lígia Medeiros, Isis Valéria (Presidente) e Marisa de Almeida Borba; **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva; **Suplentes:** Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto; **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Annete Baldi, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa e Sílvia Gandelman; **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio



A leitura e a biblioteca compreendidas pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas: uma análise crítica

A dissertação de mestrado *A leitura e a biblioteca pública compreendidas pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas: uma análise crítica* foi desenvolvida na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação da Professora Dra. Maria da Conceição Carvalho, entre agosto de 2011 e abril de 2013.

De acordo com o Decreto Presidencial n. 520 de 13 de maio de 1992, que reinstalou o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) (ele foi instituído em 1976, no âmbito do Instituto Nacional do Livro e extinto, junto com o Ministério da Cultura, em 1990, pelo presidente Fernando Collor de Mello), é de sua competência, dentre outras, “promover a melhoria do funcionamento da atual rede de bibliotecas, para que atuem como centros de ação cultural e educacional permanentes; desenvolver atividades de treinamento e qualificação de recursos humanos, para o funcionamento adequado das bibliotecas brasileiras; assessorar tecnicamente as bibliotecas e coordenadorias dos sistemas estaduais e municipais, bem como fornecer material informativo e orientador de suas atividades”. Observadas as atribuições definidas legalmente para o SNBP, a pesquisa teve como objetivo identificar e analisar a concepção e a função social da biblioteca pública presentes em duas publicações do SNBP, que têm como função orientar os trabalhadores das bibliotecas: *Biblioteca Pública: princípios e diretrizes* (2000) e o material didático, que inclui o manual do participante e o manual do dinamizador, elaborado e publicado em formato de livro, *Um olhar diferenciado sobre a Biblioteca Pública: impactos da gestão inovadora* (2009).

Por meio de uma análise documental, foram estabelecidas duas categorias, consideradas centrais para o alcance do objetivo proposto:

1) **Leitura:** identificação da concepção de leitura presente nos documentos e sua análise a partir de depoimentos, entrevistas, ensaios e artigos de escritores e textos literários que tenham o leitor, a leitura e, por extensão, a escrita como tema, e textos teóricos da pedagogia da leitura.

2) **Biblioteca pública:** identificação da concepção de biblioteca pública que sustenta as recomendações feitas nos dois documentos – que instituição é essa, a que e a quem ela serve, qual a sua função social – a partir da análise das proposições para sua gestão, a definição de seus espaços, a seleção e manutenção de seu acervo e o planejamento de seus serviços e atividades de incentivo à leitura, bem como o entendimento que tem do conceito de leitura trabalhados na categoria anterior, à luz de bibliografia sobre o tema.

A partir do conceito de leitura expresso pelo SNBP nas duas publicações que foram objeto de análise desta pesquisa, pudemos apreender de que maneira a instituição se orienta nesse quesito e que entendimento tem sobre a importância que a leitura desempenha na vida da população. Além disso, tópicos como a leitura que se oferece, os objetivos estabelecidos e a forma como isso é feito também apontam para um modelo de biblioteca pública que se constrói no discurso do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas.

Considerando a data de publicação dos dois documentos analisados, 2000 e 2009, respectivamente, e a implementação pelos ministérios da Cultura e da Educação, por meio de Portaria Interministerial nº 1442, de 10 de agosto de 2006, do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), analisamos a influência e o diálogo conceitual deste último em *Um olhar diferenciado sobre a Biblioteca Pública: impactos da gestão inovadora*, publicado no período em que já vigoravam as recomendações do PNLL. É importante ressaltar que o PNLL está, desde sua instituição, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, uma vez que esta faz parte da estrutura do Ministério da Cultura e tem assento garantido na Coordenação Executiva do PNLL.

A reflexão teórica sobre leitura foi feita, inicialmente, a partir da discussão proposta por Luiz Percival Leme Britto sobre o uso da palavra. A partir de um levantamento das acepções de *leitura* apresentadas pelo Dicionário Houaiss, o autor analisa o sentido de cada uma delas em relação ao uso que fazemos quando nos referimos à pedagogia da leitura e à formação de leitores.

A partir das considerações de Britto e da definição, no âmbito da discussão proposta, do entendimento de *leitura* como o ato de decodificar um símbolo, isto é, a letra, e sua simultânea interpretação e formação de conteúdo e de sentido, a partir de uma visão de mundo, buscamos apreender seu uso na pedagogia da leitura pela ótica dos escritores, dos teóricos da área e dos textos literários que têm a leitura como tema. E considerando que a leitura literária, conforme sustentado por Aidan Chambers, Roland Barthes, Antonio Candido, Benedito Nunes, Antoine Compagnon e Tzvetan Todorov, favorece e contribui para o autoconhecimento, para a percepção do diferente e para a compreensão política do mundo e das pessoas, para além do tempo e lugar de cada um, enfim, para a educação intelectual dos sujeitos, a ela foi atribuído um tratamento distinto.

Os discursos dos escritores, neste trabalho representados por Bartolomeu Campos de Queirós, Ana Maria Machado, Marina Colasanti, Jorge Luís Borges, Carlos Fuentes, Ítalo Calvino, Javier

Marías, María Teresa Andruetto, Orhan Pamuk, Marcel Proust e Jean-Paul Sartre, apesar de distintos, têm uma compreensão convergente sobre a leitura literária como abertura para o autoconhecimento, para a compreensão do mundo e para a educação intelectual, que ultrapassa o conteúdo, a história, o enredo e se realiza também na linguagem escrita. A literatura, ela mesma, apresenta-se também como um discurso legitimador da leitura literária na perspectiva defendida teoricamente pelos escritores. Tanto brasileiros – Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Aníbal Machado –, quanto estrangeiros – Miguel de Cervantes, Gustave Flaubert, Elias Canetti, Amós Oz –, em seus textos literários, ilustram e validam as reflexões teóricas dos escritores que se dedicaram à atividade crítica.

No campo puramente teórico, não necessariamente desprovido de um tom literário, mas com um tratamento marcadamente analítico, a reflexão sobre leitura teve como eixo central a abordagem de Luiz Percival Leme Britto, que entende a formação de leitores como um processo que extrapola a ideia de letramento – conceito didática e politicamente desconstruído pelo autor. Para Britto, mais que aprender a ler e a escrever satisfatoriamente para atender às necessidades da sociedade urbano-industrial, a pedagogia da leitura deve ter no horizonte a participação dos sujeitos no mundo que está escrito, isto é, a educação intelectual da população pela letra, especialmente pela literária. Essa perspectiva vai ao encontro da definição de leitor defendida por Nilma Lacerda – sujeitos no exercício constante da razão e do devaneio, “formuladores de perguntas e capazes, como tal, de escrever sentenças diversas das que lhes foram ensinadas como as únicas possíveis, verdadeiras ou legítimas”, com uma única garantia: “a perspectiva da escrita como tarefa aberta, inacabada, que a humanidade confia a si própria, na possibilidade de exercer o melhor de sua condição” –, que por sua vez se aproxima da concepção de intelectual professada por Edward Said: “alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. Não apenas relutando de modo passivo, mas desejando ativamente dizer isso em público”.

O entendimento da leitura como instrumento de construção de autonomia dos sujeitos e do leitor como um intelectual tem uma implicação fundamental para a pedagogia da leitura, apresentada por Luiz Percival Leme Britto a partir de Theodor W. Adorno e por Nilma Lacerda pela voz da pequena Bárbara, personagem de seu livro *Bárbara debaixo da chuva*, que se encontra em grandes dificuldades para aprender a ler e a escrever em seu primeiro ano em uma escola rural e só consegue desejar o aprendizado da letra quando corajosamente o questiona e o compreende. A reflexão sobre um objeto de estudo ou de trabalho como motor e protagonista de qualquer atividade intelectual, foi amplamente discutida por Theodor W. Adorno, que aponta a relação com o trabalho, isto é, com o objeto de interesse, como sendo essencial para o exercício da atividade intelectual. Mais que o conhecimento específico da disciplina em questão, é na reflexão sobre ela mesma, sua razão de ser, que se instala a resistência contra a aceitação de

uma consciência reificada, que, sem nem mesmo perceber que o faz, admite a vida e as coisas como alguém um dia disse que elas são ou deveriam ser.

Feita a reflexão teórica, chegamos a uma perspectiva política de leitura, especialmente a literária, que oferece ao sujeito a participação no mundo da escrita: visão ampliada de mundo, conhecimento de si e do outro, percepção do espaço e do tempo histórico, pensamento autônomo, por meio da letra. Essa é uma perspectiva política da leitura, que se contrapõe a uma vertente tecnicista, conforme professado por Luiz Percival Leme Britto. Mais que uma população com habilidades para ler e escrever um texto, minimamente instruída para o mercado de trabalho e para as necessidades da sociedade urbano-industrial, a perspectiva política da leitura contempla a permanente educação intelectual do sujeito, a construção do conhecimento, “o exercício da razão e do devaneio – duas faces que compõem a mente humana, como cara e coroa fazem o todo de uma moeda” (LACERDA, [200-]), o que tem como condição *sine qua non* o entendimento do que significa, para cada pessoa isoladamente e no coletivo, ter ou não a posse da letra.

Nos dois documentos analisados, encontramos apenas duas referências explícitas ao conceito de leitura, apesar de afirmar algumas vezes sua importância na formação do cidadão. Mesmo nessas duas ocasiões, o conceito apresenta-se diluído em outras questões, sem o devido tratamento e aprofundamento reflexivo que exige, considerados a natureza e os objetivos da publicação: orientar os trabalhadores das bibliotecas públicas municipais brasileiras. Em nenhuma das referências que faz ao termo, o SNBP convida os gestores das bibliotecas, público-alvo do manual, à reflexão sobre a leitura e sua importância para além da aquisição e transmissão de conhecimento e como “fonte de lazer e de prazer”. Questões aparentemente óbvias, mas extremamente importantes, são desconsideradas ou mesmo ignoradas pelo documento. É fundamental, como defende Theodor W. Adorno, a reflexão sobre e por que se faz o que se faz, na construção do conhecimento sobre determinada atuação. Do contrário, reproduziremos um discurso esvaziado, que em nada implicará na formação dos profissionais que trabalham nas bibliotecas, na contramão da promessa de cidadania tantas vezes professada no documento e no discurso lugar-comum sobre o tema. Mais que repetir à exaustão, como verdade absoluta, as benesses que a leitura pode produzir na vida das pessoas, para que ela de fato contribua no processo de construção e fortalecimento da cidadania, é necessário que todos entendam, especialmente quem lida profissionalmente com a questão, como professores, bibliotecários, mediadores de leitura etc., o que significa ler e também o que representa não ler, por que a leitura é importante, de que maneira ela pode agir individual e coletivamente na vida das pessoas e, especialmente, como é o principal meio para a educação intelectual de uma sociedade regida pela cultura letrada.

Considerando a participação no mundo da escrita como condição essencial à educação intelectual dos sujeitos e entendendo que somente desde uma perspectiva política podemos vislumbrar, mesmo que utopicamente, uma educação igualitária no país,

buscamos compreender as instâncias de acesso ao livro e à leitura no Brasil e entender de que forma contribuem nessa empreitada. Não trataremos aqui do mais importante e de maior alcance espaço de leitura e escrita, a escola, com suas salas de aula, bibliotecas escolares e propostas pedagógicas. Nossa pesquisa teve como objeto as orientações do SNBP para as bibliotecas públicas municipais brasileiras, através de duas publicações, que são, ou deveriam ser, por força da lei, orientadas pelo mesmo.

Tendo em vista a reflexão teórica sobre leitura, buscamos a compreensão de como o conceito de biblioteca pública foi construído ao longo do tempo e chegamos a uma ideia de biblioteca pública que sustenta a proposta de leitura que tem no horizonte a educação intelectual dos sujeitos. Geneviève Patte e, especialmente, Silvia Castrillón são as vozes mais agudas na defesa de uma biblioteca pública como espaço político, de educação intelectual, de estímulo a perguntas e de aceitação de conflitos.

Os documentos do SNBP entendem que a função social da biblioteca pública é “atuar como instituição democrática por excelência, e contribuir para que esta situação [de diferenças sociais e econômicas entre os que possuem informação e aqueles que estão destituídos do acesso a ela] não se acentue ainda mais e que a oportunidade seja oferecida a todos” e se apoiam conceitualmente na definição e nas recomendações da UNESCO. No entanto, a análise das publicações, a partir de duas categorias, leitura e biblioteca pública, à luz das competências legais do SNBP e dos autores nesta pesquisa referenciados, nos faz constatar uma contradição nos discursos e sugerir recomendações.

A primeira constatação é de que ao SNBP falta a reflexão conceitual sobre a leitura. As duas publicações se eximem dessa discussão e não convidam seus leitores a pensarem a questão, mesmo porque ela não se apresenta como preocupação para o SNBP. Esta lacuna se reflete em todas as recomendações presentes nas publicações, desde as orientações para a concepção do espaço físico, a formação do acervo, os serviços e atividades a serem oferecidos, até a forma de gestão e de financiamento da biblioteca pública. A ausência desta reflexão sugere um modelo de biblioteca pública que não reconhece na leitura, única forma de acesso autônomo ao conhecimento registrado pela letra, e na formação de leitores sua contribuição para a educação intelectual permanente da população.

A segunda constatação, em grande parte apreendida pela primeira, é a falta de compreensão do SNBP sobre a função a ser desempenhada pelas bibliotecas no país. Ainda que, ao constatar a crescente desigualdade social brasileira, afirme que “cabe à biblioteca pública atuar, como instituição democrática por excelência, e contribuir para que esta situação não se acentue ainda mais e que a oportunidade seja oferecida a todos”, nas recomendações que apresenta nas duas publicações em questão, o SNBP reforça a conformação intelectual da população, o que garante as condições para a reprodução da desigualdade social. Na biblioteca pública, que deveria ser entendida como forma de acesso ao conhecimento de toda a população, especialmente das camadas pobres, pelas recomendações do SNBP, privilegiam-se ações e espaço de lazer, de animação cultural e de informações utilitárias, desprovidos de

qualquer convite ao pensamento e à reflexão pela leitura. Assim, em vez de oferecer atividades e serviços que promovam a inquietação e problematizem o senso comum, contribuindo para a formação do desejo pelo conhecimento, indica-se a direção oposta, com proposições que restringem o sujeito ao seu universo, ao pragmatismo do cotidiano. A concepção de biblioteca pública descomprometida com a educação intelectual dos sujeitos fica mais evidente pela ausência de recomendações em torno da literatura, considerada por muitos autores o gênero textual, por excelência, para a formação de leitores críticos e questionadores do *status quo*, tanto na vida privada quanto na esfera pública e coletiva. Esse entendimento extrapola os limites disciplinares da pedagogia da leitura e encontra sustentação em outros campos do conhecimento, especialmente em estudos sobre a desigualdade social brasileira. Ao desconsiderar a importância da leitura literária, o SNBP nega aos usuários a possibilidade de experimentar o olhar e a fantasia do outro, deslocados no tempo e no espaço, engendrados pela escrita. Nega também a possibilidade de imaginar e vislumbrar uma existência diferente da permitida por um modelo econômico perverso e pelo senso comum que, apoiados um em interesses individuais e outro na ignorância, nem precisam se esforçar para naturalizar as injustiças sociais. Ao não dizer da literatura, ao não entender a importância da leitura literária, o SNBP exime as bibliotecas de sua mais importante missão: estimular perguntas e acolher questões que extrapolam o cotidiano, abrindo espaço para a compreensão do conflito no qual se dá a educação intelectual, para além do bom e do mau, do certo e do errado.

A terceira constatação é de que o SNBP pensa e recomenda a gestão das bibliotecas na lógica do mercado, transferindo para os gestores a responsabilidade pela captação de recursos financeiros e meios de sua manutenção. Isso faz com que a biblioteca pública, que deveria ser espaço para o estímulo ao pensamento livre, sem amarras, submeta seus projetos e atividades a interesses externos, de maneira a parecer atraente para possíveis patrocinadores e para legitimar o investimento feito na instituição pelas prefeituras, demonstrando desconsiderar que o acesso à leitura é direito garantido por lei ao cidadão e que cabe ao poder público a implantação e a manutenção de bibliotecas. Ao atuar nessa orientação, o SNBP reforça a cultura personalista, em que as decisões são tomadas em função de relações outras, que não as de interesse público.

Por fim, constatamos o desencontro existente entre o SNBP e o PNLL, que parecem não se reconhecer e até mesmo se desconsideram nas recomendações e proposições que fazem um e outro para a mesma área, com os mesmos objetivos, dentro de uma mesma instância governamental, a partir de 2006, o que fragiliza a formulação e a consolidação de uma política pública para leitura e bibliotecas públicas no Ministério da Cultura.

O SNBP é a instituição com atribuições legais para orientação das bibliotecas públicas municipais do país, seja no diálogo direto com cada uma delas ou nas ações mediadas pelos Sistemas Estaduais. Em função de seus programas para modernização de bibliotecas, que contemplam a doação de acervo bibliográfico,



A FNLIJ convidou a votante Fabíola Ribeiro Farias a sintetizar para o Suplemento Reflexões sobre a Leitura e a Literatura Infantil e Juvenil a sua dissertação de Mestrado, defendida este ano na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. A pesquisa identifica e analisa, por meio das duas categorias: leitura e biblioteca pública, a concepção e a função social da biblioteca pública presentes em duas publicações do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, instituição vinculada ao Ministério da Cultura.

Fabíola Ribeiro Farias é graduada em Letras, mestre e doutoranda em Ciência da Informação pela UFMG. É leitora votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, coordena as bibliotecas públicas e os programas para a promoção da leitura da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, é membro do Movimento por um Brasil literário e colaboradora da Revista Emília.

móveis e equipamentos para as unidades municipais, além dos cursos e encontros para a formação continuada dos profissionais das bibliotecas, a instituição se tornou, ao longo do tempo, a principal interlocutora das prefeituras para a área dentro do Ministério da Cultura. Considerando a falta de formação específica da maioria dos trabalhadores das bibliotecas públicas do país e a autoridade que o SNBP representa para as prefeituras municipais, as duas publicações por ele oferecidas são a principal referência para o funcionamento das bibliotecas. Tendo em vista as constatações acima e as discussões apresentadas ao longo desta pesquisa, concluímos que as recomendações feitas pelo SNBP através de *Biblioteca pública: princípios e diretrizes* (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2000) e *Um olhar diferenciado sobre a biblioteca pública: impactos da gestão inovadora* (2009) estão na contramão da construção de uma ação bibliotecária que promova a educação intelectual da população. As bibliotecas públicas devem ser um braço estendido na recusa da naturalização das desigualdades sociais, através da reflexão da condição de cada ser humano e da sociedade em que vive, via conhecimento encerrado pela cultura escrita.

Para que a ação bibliotecária via bibliotecas públicas avance qualitativamente no país, é preciso que o SNBP se volte para a reflexão e a revisão de suas proposições. Em primeiro lugar, que estimule e ofereça suporte conceitual para que as bibliotecas reflitam sobre sua função social. É preciso ter clareza de que uma prática consistente, que vise à formação de leitores e contribua para a educação intelectual da população, se constrói a partir da reflexão teórica, que problematiza a rotina e oferece olhares diversos, e muitas vezes conflitantes, sobre uma mesma questão. É importante e produtivo que os trabalhadores das bibliotecas sejam convidados a pensar sua prática, que aprendam a avaliar suas ações e a propor desvios das soluções previamente aviadas, numa ação intelectual de dentro para fora, que acontece desde o planejamento dos serviços e atividades a serem desenvolvidos.

A leitura é a única forma de acesso autônomo ao conhecimento registrado pela letra e, como tal, sua compreensão conceitual precisa ser proposta de maneira aprofundada. Ao SNBP cabe a tarefa de promover o estudo do termo, que ampliará, não sem conflitos, a forma de os trabalhadores das bibliotecas pensarem as implicações do ato de ler, inclusive as interdições do não ler, num exercício intelectual que contribuirá para a recusa de soluções previamente estabelecidas pelo lugar-comum.

A leitura literária exige uma atenção especial, uma vez que não configura entre as preocupações do SNBP. É necessário que as bibliotecas públicas se empenhem na formação de leitores literários, que encontrem na literatura, forma e conteúdo, amparo e escuta para suas questões mais íntimas, que nada mais são que as angústias, os medos e os sonhos comuns a toda a humanidade.

As recomendações acima teriam mais efetividade se as instituições e setores responsáveis pela política pública para leitura e bibliotecas do Ministério da Cultura concentrassem esforços e investimentos em torno de objetivo e tarefa comum.



ENCARTE NOTÍCIAS 10 | OUTUBRO 2013

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra